Do local ao internacional: quando o objeto é mais que um objeto

Resumo:

Tradicionalmente produzidos para atender a necessidades de consumo das populações locais e regionais do norte do Estado de Minas Gerais, na última década os objetos cerâmicos do Candeal vêm sendo comercializados nos grandes centros urbanos do sudeste do país e mesmo no exterior. Neste percurso por mundos sociais distintos, multiplicam-se usos e significados de potes, pratos, panelas e travessas de barro. Utilitários, decorativos, feitos para auto-consumo, para presentear parentes e amigos, para gerar renda, demarcam espaços, estabelecem relações, definem identidades. Tornam-se mediadores sociais ao inserir o grupo de produtores em redes de relações muito mais amplas que aquelas que se estabelecem localmente.

Esta comunicação propõe descrever o caminho que a cerâmica do Candeal percorre, da produção ao consumo em mundos sociais diferenciados, entendendo-a como um caso contemporâneo de produção do denominado artesanato tradicional brasileiro. A singularidade não impede a percepção da riqueza de expressões e o amplo campo de significados que está contido na produção artesanal. Ao contrário, o Candeal pode ser tomado como um caso exemplar que aponta caminhos para a ação de reconhecimento e valorização dos saberes e das formas de expressão dos estratos de baixa renda da sociedade brasileira.

Estima-se que existam no Brasil 8,5 milhões de artesãos que movimentam 2,8% do PIB nacional[1]. Esses dados, embora apresentem certa defasagem no tempo, apontam para a extensão do setor artesanal e sua importância já que são, no mínimo, 8,5 milhões de famílias vivendo direta ou indiretamente do artesanato.

Mas, quem são os artesãos, o que fazem, como vivem?

Responder a essas indagações não é tarefa fácil e exigiria um esforço hercúleo que até hoje não foi plenamente realizado. A variedade de atividades que poderiam ser descritas como artesanais, a multiplicidade de realidades, de casos específicos, de situações particulares que cambiam dia a dia, dada a dinâmica de transformação dos processos sociais em fluxo contínuo, são fatores que tornam a resposta complexa.

Ao me deter na especificidade de um caso, a produção de louça de barro da comunidade do Candeal, tenho como objetivo apontar numa direção que permita entender ao mesmo tempo a complexidade e a riqueza do universo da produção artesanal no país.

O Candeal é uma pequena localidade com cerca de 70 casas que se situa no norte do Estado de Minas Gerais, numa das regiões de interior que foi primeiramente colonizada no país. Seguindo o curso do rio São Francisco, os portugueses chegaram a região no século 18 , onde, após dizimarem as populações indígenas locais fundaram uma pequena vila próxima à qual posteriormente se desenvolveu a cidade de Januária. O Candeal pertenceu a esse município até recentemente e, hoje, integra o município de Cônego Marinho.

Ali, distante cerca de um quilômetro, fica a Olaria, bairro rural onde residem aproximadamente 25 famílias de oleiros que, há mais de um século produz telha, tijolos e louça de barro com que tradicionalmente supre-se a demanda de consumo interno, do próprio grupo de artesãos, de demais moradores de localidade e da região circunvizinha.

São potes, pratos, panelas, moringas, travessas, cerca de uma dúzia de objetos diferenciados com que as famílias atendem as necessidades familiares de preparo e serviço de alimentos.

Se aos homens cabe a modelagem de telhas canal e de dois tipos de tijolos, o adobe e o tijolo maciço, o costume local é de que a louça doméstica seja produzida pelas mulheres com o barro retirado das ricas jazidas de argila da região.

Os objetos são modelados à mão, sem utilização do torno e segundo técnica ancestral pela qual a artesã vai erguendo a peça com auxílio de poucos instrumentos que a auxiliam. Após

[1] Esses dados são do ano de 19 , fornecidos pelo Programa Nacional do Artesanato do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio.

a modelagem, os objetos são deixados a secar, postos ao sol e, a seguir pintados com tauá, espécie de pigmento mineral de cor vermelha, extraído do solo. Só então a peça é considerada concluída e levada à assar em forno a lenha por período de tempo nunca inferior a 8 horas, o que garante a excelente fatura das peças.

PALESTRA – BIBLIOTHÉQUE NATIONALE DE FRANCE – ANO BRASIL FRANÇA – PARIS – Colóquio Diversité Culturelle – out- 2005